



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

No curso das várias águas: corpo, materialidade e técnica no agreste pernambucano

Autoria: Marcela Rabello de Castro Centelhas (Colégio Pedro II)

Neste work procuramos etnografar os modos como as pessoas usam, classificam, pensam e fazem circular as águas em uma comunidade rural do agreste pernambucano. Seguir o curso das águas, suas formas de gestão, uso e classificação, mostrou-se um caminho possível para colocar em relevo a relação, sempre ambígua e tensa, entre práticas e discursos estatais e modos de manejo locais. Nossa pesquisa parte do interesse em sistematizar alguns desdobramentos de políticas sociais que promovem o acesso à água neste lugar nos últimos vinte anos, em especial aquelas compreendidas sob a noção de "convivência com o semiárido". À medida que o work de campo foi se adensando e significando uma maior inserção no cotidiano dessa comunidade, suas condições de realização implicaram em atentar cada vez mais para as águas cotidianas e para suas técnicas e práticas de certa forma mais ?naturalizadas?. O direcionamento do olhar para essas dimensões nos fez distanciar de uma abordagem muito comum aos works que enfocam a disponibilidade das águas na região, que as tomam como um recurso finito, inscrito na díade abundância/escassez e com características físico-químicas invariáveis. Ao pensar as águas em termos de sua multiplicidade, de características sensoriais, qualidades, efeitos e relações com/nos corpos e coletividades, nos propomos a analisar como elas, suas trocas, materialidades e técnicas atravessam e colocam em relação



esferas aparentemente distintas e desconexas, desde políticas públicas para o seu acesso, dinâmicas associativas e comunitárias, até processos de configuração de casas, famílias e corporalidades. Levando em conta que o uso das águas implica na sua distinção, na hierarquização das pessoas e coletividades e na conformação de works e atribuições genericadas, é possível pensar as águas como fios condutores de conflitos, julgamentos morais, situações de prestígio/humilhação, práticas de cuidado e formas de apresentação pública dos corpos.



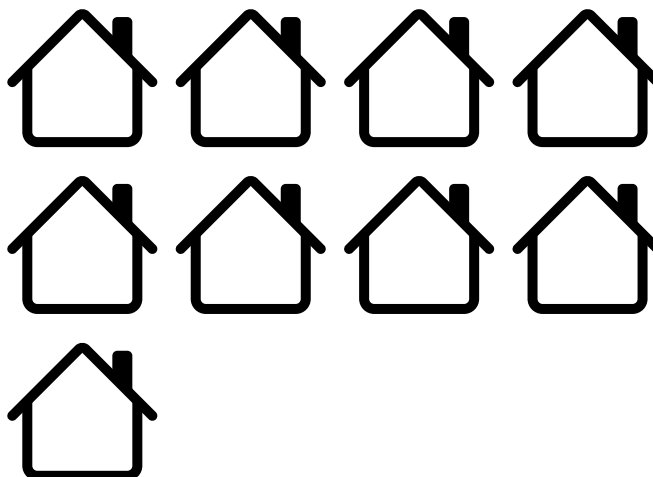
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: